

SEM PAIXÃO NÃO SE FAZ REVOLUÇÃO

Roberto Freire - Revista Libertárias, nº 6 – 2000

A paixão e o amor parecem possuir a mesma natureza, mas não são iguais, embora ambos necessários, porém diversamente, à vida. Digamos que o amor é algo biológico e amar seja tão importante para o ser humano quanto respirar. Já a paixão, considero uma conquista cultural da espécie humana e o ato de se apaixonar teria o mesmo valor para as pessoas que a liberdade.

Depois de tanto amar e de acompanhar de perto, quase junto, o amor entre as pessoas, como amante e como terapeuta anarquistas, cheguei a conclusão de que não se pode entender intelectualmente o amor durante a sua vigência, embora ao seu final fique tudo claro e explícito intelectualmente a seu respeito, levando-nos a conhecer suas causas e efeitos, porque existiu, como durou e do que morreu. Compreendi pois, não ser possível fazer biópsias do amor, apenas necrópsia. Mas não é exatamente assim o que acontece com a paixão, por isso vou procurar expor algumas de minhas percepções e reflexões sobre a paixão humana.

Em primeiro lugar, é lógico se entender a paixão como uma condensação, uma potencialização que podemos produzir no amor, ao mesmo tempo que é possível torná-lo mais urgente e radical. Ou seja, a paixão parece sempre se tratar de algo maior e mais poderoso que o amor. Além disso, a paixão não permite concessões em suas opções e em seu exercício. Assim, não poderia ser apenas um “quanto mais melhor” e sim um “tudo ou nada” ou nem um “quando for possível” e sim um “agora ou nunca”.

A relação das paixões com as opções é muito curiosa. Elas exercem, nesses casos, um papel do tipo facilitação. Os apaixonados vêm além das aparências, decifram inefáveis segredos e se arriscam sem medo de cometer erros nessas opções. Consideram os erros como acasos que apenas confirmam as regras da teoria da relatividade no amor. Disse o poeta português Fernando Pessoa: “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. Sobre a paixão eu confirmo isso: o que não conheço e nem suspeito existir vale sempre mais que minha vã filosofia e meu inútil saber. As opções do apaixonado dependem sempre das possibilidades, tão necessárias quanto desconhecidas. Assim, os racionalistas não podem dar valor às opções dos apaixonados, considerando-as sempre

loucas e perigosas. É desse perigo e dessa possível loucura que se alimentam e se encantam os apaixonados. Como eu.

Em ambientes sociais dominados pelo autoritarismo, como o nosso, as opções libertárias são sempre as mais arriscadas. Acontece que a paixão nos faz sentir tesão apenas pelo que é mais original e, por isso mesmo, nos oferecem mais risco. Isso nos leva a fazer opções voluntárias sempre também as mais radicais. Refiro-me às que impulsionam os anarquistas a estarem mais próximo possível de sua originalidade única, passando a viver em guerra permanente contra a massificação e a dominação. Nessas condições só a paixão pode nos dar coragem e energia para enfrentar e vencer nessas batalhas.

Vale a pena também refletir um pouco sobre a radicalidade em nossas paixões. Assim como não nos parece existir amores radicais, não acredito também ser possível a existência de paixões parciais. O apaixonado deseja a inteireza na realização de seus sonhos e de seus desejos. Se não podem viver assim, a vida para ele não vale a pena. Isso se deve à dificuldade em fazer concessões e por conhecer perfeitamente o ponto limite para qualquer redução de seus objetivos e o da inteireza das coisas. Ceder além desse limites significa destruir a realidade e a verdade de seus valores. A radicalidade da paixão anarquista é realista, porém, ao mesmo tempo, clarividente.

Não acredito existir diferença alguma no comportamento das pessoas em suas paixões particulares (do homem pela mulher e vice-versa, dos pais para os filhos e vice-versa, entre amigos) e o dos apaixonados por causas sociais e políticas, dos cientistas pela ciência e dos artistas pela arte. Para mim, um anarquista, não vale a pena apenas amar. Eu exijo de mim mesmo e de meus parceiros paixão recíproca e a vivência simultânea dos tipos de opção e de radicalidades totais, inteiras, não importando se a paixão consuma mais rapidamente minha energia vital. Uma curta, porém inteira e intensa paixão, vale muito mais que um longo e morno amor. Certa vez, traduzi uns versos da poetisa norte-americana Edna St Vincent Millay que descreve bem isso. Assim:

“Minha vela queima nas duas pontas;

Não vai durar toda a noite;

Mas ah, meus inimigos, oh meus amigos –

Que bela luz ela dá!”

Nenhuma paixão pode ser disciplinada ou usada de modo disfarçado como se pode fazer com o amor. Bom exemplo disso é o que a Igreja Católica realiza com esse sentimento, travestindo-o em generosidade, sacrifício e submissão aos poderes, tanto

aos de César quanto aos de Deus. A paixão para mim está sempre nua, revelada e inconfundível, não serve nem a Deus, nem ao Diabo e, muito menos, a César. A paixão não prega nem cobra generosidade, sacrifício e submissão, mas sim que cada um viva por si, como se cada um fosse um deus e servisse a si e simultaneamente a todos, como se ninguém necessitasse de sacrifício dos outros, mas apenas justiça, como se qualquer submissão individual ferisse ainda mais gravemente a espécie humana que ao submetido.

A não percepção clara da importância da paixão cotidiana no exercício da vida anarquista, parece-me ser a causa principal das dificuldades que nos levam a certa marginalização e a quase impotência, pela organização social e política de nosso país, dominado ainda pelo capitalismo burguês. Situação essa que não se justifica, por que nós os anarquistas, possuímos a melhor ideologia e proposta de organização social de um socialismo democrático, justo e verdadeiro. Do ponto de vista teórico, acadêmico e da mídia, estamos aumentando cada vez mais a difusão de nossas idéias e proposta. Não há dúvida que os anarquistas amam sua opção e sua vida política. Mas estou convencido que nem todos nós a estamos vivendo de modo apaixonado e pleno. O amor é pouco para a realização do anarquismo, sobretudo porque, o amor é usado também, inclusive travestido por todas as ideologias autoritárias e contemporâneas. Nosso amor, confundido com o deles, como o nosso é honesto, levamos sempre desvantagem.

O que precisamos mesmo é assumir a paixão, como a maior referência e paradigma, em todo o nosso comportamento social. Não nos permitamos apenas amar as pessoas, as causas e as lutas pela justiça social. Creio ter descoberto que sem paixão não se faz a revolução de nossos sonhos, como há tempos descobri que sem tesão não há solução para a nossa vida. Queria reproduzir agora, finalizando este artigo, a frase que lí, encantado, nos muros de Paris, em maio de 1968:

“Quanto mais eu faço amor, mais eu tenho a vontade de fazer a revolução. Quanto mais eu faço a revolução, mais eu quero fazer amor.”

Para confirmar o que venho escrevendo aqui, basta trocar amor por amor apaixonado, nessa frase do jovem libertário que a escreveu.